




EDITORIAL

HISTÓRIA E LITERATURA: UMA COMBINAÇÃO ENTRE VERDADEIRO E POSSÍVEL

[10.29073/naus.v6i2.878](https://doi.org/10.29073/naus.v6i2.878)

Luísa Paolinelli , Universidade da Madeira, Portugal, marinho@staff.uma.pt.

Vanda de Sousa , ESCS-IPL, Portugal, vsousa@escs.ipl.pt.

Vanessa Cavalcanti , Universidade Federal da Bahia, Brasil, vanessa.cavalcanti@ufba.br.

Isabel Lousada , NOVA FCSH, Portugal, isabel.lousada@fcs.unl.pt.

“The real would consist of everything that can be truthfully said about its actuality plus everything that can be truthfully said about what it could possibly be. Something like this may have been what Aristotle had in mind when, instead of opposing history to poetry, he suggested their complementarity, joining both of them to philosophy in the human effort to represent, imagine and think the world in its totality, both actual and possible, both real and imagined, both known and only experienced.”

White (2005)

Quando Hayden White, em “The History Fiction Divide” (*Holocaust Studies*, 20(1–2), June 1015, 17–34), defende que as concepções modernistas da escrita literária fornecem formas de entender como a arte pode complementar, em vez de minar, a ciência, tem em mente dar uma resposta aos críticos que alegam que a literatura corre o perigo de esteticizar eventos históricos reais, como o Holocausto, especialmente traumáticos e perturbantes. Essa esteticização, juntamente com o processo de ficcionalização, afastariam o leitor do peso moral do acontecimento, podendo mesmo transformar o mal em algo de alguma forma atraente e até justificar fantasias sadomasoquistas, desprovendo os eventos de uma necessária reflexão ética. A verdade é que a ideia da escrita literária reduzida à procura da beleza estética foi há muito refutada a favor da literatura como um modo de cognição, bem como uma expressão de afeto e emoção.

Esta perspetiva é especialmente funcional quando consideramos os artigos reunidos no presente número. Aparentemente diferentes, encontram a sua matéria em textos literários que têm como o seu objeto eventos, ambientes e personagens, quer do passado, quer do presente, que exigem a capacidade reflexiva dos leitores e a sua aptidão em compreender que o real é a união do verdadeiro com o possível. No fundo, textos literários que são o convite a uma viagem pela escrita que seja capaz de nos aproximar à verdade.

Retrato de passado e presente, e recorrendo novamente a Hayden White, a escrita literária pós-modernista afirma-se como alegoria da história: é o que acontece quando se revisita o passado através da conquista do Rio de Janeiro, no conto de Myriam Campello, com os seus não-heróis, sem saga e sem grandiosidade, os eventos históricos reduzidos à realidade pela paródia e pela ironia, ou quando da imagem histórico-mítica da rainha santa se escolhe perspetivar a mulher, apresentada com o seu nome, Isabel de Aragão, na metaficção historiográfica de Isabel Machado. Mas, também é uma alegoria a que se faz do presente histórico: aquele que as autoras de diversas épocas são obrigadas a viver e que, por isso, sentem a obrigação de interpretar, de dar a ver e, também, de denunciar. Veja-se o presente do livro de Carolina Maria de Jesus, feito da subalternização da mulher e das desigualdades sociais que marginalizam os mais pobres e com menos educação, e o de Ana Plácido, no século XIX, ainda hoje mais lembrada



por ter sido a companheira de Camilo Castelo Branco do que pelo seu indiscutível talento literário, caracterizado pela difícil afirmação da mulher numa sociedade patriarcal e abafada pela hipocrisia moral.

A escrita literária não faz uma estetização do sofrimento, da perda de identidade, dos mecanismos violentos da conquista, da difícil condição da mulher negra, da marginalização do ser mulher. Pelo contrário, compromete-se com a ética e através da imaginação permite um percurso cognitivo produtivo e uma tomada de posição. A própria narrativa requer uma interpretação que produz conhecimento e dá um significado à história passada e presente. Nesta interpretação, dá-se também lugar à diversidade, à diferença de ambientes e à capacidade de nos sentirmos “outros”, isto é, de nos tornarmos o “próximo”, mais humanistas.

Os dois artigos que abrem este número têm como matéria episódios e personagens históricos – da paródia da escrita do romance histórico presente em “**Identidades e Estereótipos em ‘A Heróica Cidade’, de Myriam Campello**” à análise da metaficção histórica e da construção da personagem romanesca em “**Uma Rainha entre e Ficção e a História: o Protagonismo de D. Isabel de Aragão em A Rainha Santa, de Isabel Machado**”. Ambos propõem a revisão de estereótipos, imagens cristalizadas da história e a redifinição e ressignificação da própria identidade nacional através de mecanismos como a paródia, a intertextualidade, a narrativa metalinguística e a metaficção historiográfica.

“**Carolina Maria de Jesus: patriarcado e opressão de género em Pedacos da Fome**” é uma análise interpretativa, apoiada teoricamente, de uma obra que retrata a miséria e as mazelas sociais, a sociedade patriarcal, o autoritarismo e a opressão da mulher no final da década de 60 do século XX, mas que ainda hoje é atual e tema da literatura brasileira contemporânea. Este artigo propõe também uma revisão da historiografia literária brasileira de forma a incluir autores como Carolina Maria de Jesus, mantida fora do cânone. Também fora do cânone e da historiografia literária portuguesa, Ana Plácido, uma das escritoras mais representativas do século XIX português, é o objeto de análise de “**‘Meditações’: reflexões sobre as crónicas de Ana Plácido escritas no cárcere**”. Salientando a sua visão à frente do próprio tempo sobre a condição da mulher e a coragem de se expor numa sociedade patriarcal, o ensaio aponta a hipocrisia social vigente e o ambiente contrário à afirmação literária de autoria feminina.

A resenha ao livro *Ana Plácido e as Representações do Feminino no Século XIX (2023)*, de Fabio Mario da Silva, vem, no fundo, dialogar com o último texto ensaístico deste número. Profundo conhecedor da escritora, o autor, através da publicação dos estudos que realizou no seu pós-doutoramento, dá relevo à sua obra, valorizando-a e devolvendo-a ao lugar que deveria ter na literatura portuguesa.

Este número fecha com uma entrevista a Roberta Fernandes e Rodrigo Cerqueira, “**Atos Não Silenciadores: o Audiovisual como recurso e crítica social**”. Não pode ser mais coerente com a ideia proposta por Hayden White sobre a arte como possibilidade de verdade através da combinação entre verdadeiro e possível. Como os dois entrevistados explicam: “Saímos às ruas com nossos olhares inquietos para contar histórias que tiram as ideias do lugar em que elas costumam estar. Quando ligamos a câmara, não estamos apenas olhando o mundo, estamos interferindo nele”. Não há nada de estetização do real, mas sim o estímulo à cognição.

REFERÊNCIAS

White, H. (2005). Introduction: Historical Fiction, Fictional History, and Historical Reality. *Rethinking History*, 9.2(3), p. 147.

DECLARAÇÃO ÉTICA



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.